

Infâncias negras no contexto escolar

Hugo de Souza Lima de Oliveira^{1*} 

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

*Autor de correspondência: hugolimaa@yahoo.com.br

RESUMO

Resenha do livro: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (orgs.) Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2023. 208 p.

ABSTRACT

Review of the book: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (eds.) Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2023. 208 p.

RESUMEN

Reseña del libro: GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (eds.) Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2023. 208 p.

PALAVRAS-CHAVE:

Educação infantil
Infâncias negras
Relações étnico-raciais

KEYWORDS:

Black childhoods
Early childhood education
Ethnic-racial relations

PALABRAS-CLAVE:

Educación infantil
Infancia negra
Relaciones étnico-raciales

O livro “Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa”, é organizado por Nilma Lino Gomes e Marlene de Araújo, apresenta resultados de pesquisas oriundas do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social, do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e na vivência da prática docente da Educação Básica da Rede Estadual de Minas Gerais e da Rede Municipal de Belo Horizonte.

Dividido em duas partes - Infâncias negras: lutas para garantia de direitos e vozes quilombolas e Infâncias negras e famílias: vozes e imagens em movimento, o livro está organizado em 06 (seis) capítulos, os quais oferecem uma perspectiva abrangente e multifacetada sobre as experiências das crianças negras brasileiras, em especial as do Estado de Minas Gerais. Por meio de relatos, entrevistas e ensaios, os leitores são imersos nas realidades complexas e muitas vezes dolorosas enfrentadas por essas crianças, como a violência e a pobreza, resultantes do racismo estrutural. Ao mesmo tempo, “Infâncias Negras” celebra a resiliência, a criatividade, resistência e agência das crianças negras, mostrando como elas encontram formas de se afirmar, se fortalecer e se empoderar em meio às adversidades, como tem ressaltado os Estudos Sociais e a Sociologia da Infância, como afirmam as organizadoras do livro.

O primeiro capítulo, “Infâncias e relações étnico-raciais: a tensa luta pela garantia de direitos em tempos antidemocráticos”, escrito por Marlene de Araújo e Nilma Lino Gomes, discute sobre a luta pela garantia de direitos das crianças que também pode ser exacerbada pela negação sistemática de sua identidade étnico-racial e cultural. Em muitos casos, as crianças pertencentes a minorias étnico-raciais são marginalizadas e invisibilizadas pela classe dominante, o que pode ter consequências devastadoras para sua autoestima, desenvolvimento emocional e senso de pertencimento. Para as autoras, todos os profissionais de educação, em especial os que atuam com as infâncias, devem se comprometer com a construção de um projeto educativo emancipatório, assim a justiça curricular articulada à justiça cognitiva poderá ser potencializada e alcançará uma dimensão libertadora e emancipatória.

No segundo capítulo, Patrícia Maria de Souza Santana nos apresenta um estudo exploratório sobre “O bem-viver e o ubuntu das crianças quilombolas”, um

diálogo com as experiências de crianças do Quilombo Mato do Tição, que fica localizado em Minas Gerais. Na vida cotidiana das crianças quilombolas, o bem-viver e o ubuntu se manifestam através de práticas como o cuidado com os mais velhos, a partilha de recursos, a celebração das tradições culturais e a preservação do meio ambiente. Elas aprendem desde cedo a importância de viver em harmonia com a terra e com os outros membros de sua comunidade, cultivando valores de solidariedade, empatia e responsabilidade coletiva.

É importante reconhecer que as crianças quilombolas enfrentam desafios significativos, como a discriminação étnico-racial, a falta de acesso a serviços básicos como saúde e educação de qualidade, e a ameaça constante de deslocamento de suas terras ancestrais. Nesse contexto, fortalecer e preservar suas tradições culturais e valores comunitários, como o bem-viver e o ubuntu, são essenciais para garantir seu bem-estar e sua resiliência frente às adversidades.

"Hoje é dia de festa maior/êh, viva, êh, viva!", de autoria da Maria Goreth Herédia Luz, Yone Maria Gonzaga e Ridalvo Félix de Araújo, constitui o terceiro capítulo. Nele, as autoras apresentam mais uma experiência quilombola, a partir da Comunidade Quilombola dos Arturos, situada em Contagem/MG. Os autores fazem uma apresentação das práticas educativas sobre infâncias e o sentimento de pertencimento étnico-racial, que ocorrem nos Arturos, em diálogo com a Lei Federal nº 10.639/2003, que determinou a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares ao longo da educação básica. Através das observações e entrevistas, os autores constatam o quanto as crianças negras dos Arturos, no contexto comunitário, se mostram desinibidas, dançando, cantando, exibindo tradições culturais e reafirmando suas identidades negras. Por outro lado, foi observado que, nos espaços escolares, essas mesmas crianças ainda sofrem discriminação por seu pertencimento étnico-racial.

A primeira parte do livro é finalizada com o quarto capítulo intitulado "Camaradas fazem geografias negras na infância e na adolescência", escrito pela Aline Neves Rodrigues Alves, que ressalta a importância das experiências e vivências das crianças e adolescentes negros na construção de suas identidades e entendimentos sobre o mundo ao seu redor, especificamente na comunidade quilombola Barro Preto localizada no município de Santa Maria de Itabira/MG. Desde cedo, as crianças e adolescentes negros estão envolvidos em processos de

mapeamento e compreensão de espaços físicos, sociais e culturais que são influenciados por sua identidade racial. Eles criam suas próprias "geografias negras", isto é, formas particulares de enxergar e interagir com o mundo que refletem suas experiências e perspectivas como pessoas negras. A tônica deste capítulo é o uso da música "Morro Velho", de Milton Nascimento, que é utilizada como recurso para construção de uma narrativa que apresenta experiências geoespaciais e discursivas das crianças e adolescentes negros.

O quinto capítulo é intitulado de "Lutas antirracistas: a voz de meninas negras na educação infantil", compõe a segunda parte do livro e é escrito por Ademilson de Sousa Soares, Lisa Minelli Feital e Regina Lúcia Couto de Melo, que apresentam observações realizadas em um parquinho de crianças e em instituições municipais de Belo Horizonte/MG. No trabalho de observação, tendo como foco as meninas negras na educação infantil, foi possível reconhecer os desafios específicos que elas enfrentam, como o racismo internalizado, a falta de representatividade de professoras negras dentro das escolas e em materiais didáticos e o silêncio diante do racismo, bem como o impacto das estruturas sociais e institucionais que perpetuam a desigualdade racial. Nesse capítulo, conhecemos a Sofia e a Dandara e seus processos de socialização e relações com outras crianças, com a professora e seus familiares. Em ambas as situações analisadas, Sofia e Dandara demonstram claramente suas opiniões e mostram-se livres e motivadas a falar sobre práticas racistas presentes na educação infantil e na sociedade brasileira, que frequentemente são banalizadas e negligenciadas no cotidiano escolar.

"Infâncias de mães e de filhas/os: educação das relações étnico-raciais em famílias inter-raciais", é o sexto e último capítulo, escrito por Tânia Aretuza Ambrizi Gebara. O texto é um recorte da pesquisa de doutorado da autora, desenvolvida com mulheres negras, com filhos matriculados na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte/MG. A autora mostra o quanto a educação das relações étnico-raciais em famílias inter-raciais é importante nas infâncias tanto das mães quanto dos filhos e filhas, para reconhecer sua própria posição racial e como isso pode afetar suas perspectivas e experiências de vida.

O livro "Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa" é uma obra que se destaca não apenas por sua profundidade teórica e metodológica e sensibilidade, mas também por sua urgência e relevância no contexto

educacional contemporâneo. Ao destacar as vozes e as experiências das crianças negras, este livro nos desafia a reconhecer e confrontar as injustiças que ainda permeiam nossa sociedade, e nos inspira a trabalhar juntos para construir um futuro melhor para todos, em especial as crianças negras, que ainda têm seu protagonismo silenciado. Este livro merece atenção de todos os profissionais que trabalham com educação, principalmente os pesquisadores e professores da educação infantil.